TRADUCÇÃO

DO

EPITAPHIO LATINO

DE

EL-REI D. JOÃO I

QUE JAZ SEPULTADO NO CONVENTO
DE NOSSA SENHORA DA VICTORIA, DA BATALHA

POR

José Ferreira Castanheira das Neves

EPITAPHIO EM PORTUGUEZ DA RAINHA D. FILIPPA

FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO DA BATALHA

ALCOBAÇA
Typographia de A. Coelho da Silva
1889

TRADUCÇÃO
DO
EPITAPHIO LATINO
DE
EL-REI D. JOÃO I

QUE JAZ SEPULTADO NO CONVENTO
DE NOSSA SENHORA DA VICTORIA, DA BATALHA

POR

José Ferreira Castanheira das Neves

EPITAPHIO EM PORTUGUEZ DA RAINHA D. FILIPPA

FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO DA BATALHA

ALCOBAÇA
Typographia de A. Coelho da Silva
1889

Ao Sr. Joaquim do Patrocinio

OFFERECE

O TRADUCTOR

EPITAPHIO

DE EL-REI D. JOÃO I

(VERTIDO DA INSCRIPÇÃO LATINA)

Em nome do Senhor jaz n'esta sepultura o serenissimo e sempre invicto victoriosissimo, magnifico e em virtudes esclarecido Principe Dom João, decimo rei de Portugal e sexto do Algarve e o primeiro entre todos os christãos que depois da perda geral de Hespanha foi senhor da famosa cidade de Ceuta em Africa. Nasceu este excellentissimo Rei na muito nobre e muito leal cidade de Lisboa no anno do Senhor de mil e trezentos e cincoenta e oito e n'ella foi armado cavalleiro em idade de cinco annos por mão do serenissimo Rei Dom Pedro seu pae. E tomando á sua conta depois da morte de El-Rei Dom Fernando, seu irmão, o governo da mesma cidade e de muitas outras forças que se lhe entregaram defendendo-a valorosamente contra El-Rei de Castella que 9 mezes a teve cercada por mar com mui grossa armada e por terra com grande exercito, accommettendo-a com muitos e apertados assaltos, e sendo ajudado de muitos portuguezes.

Sendo depois por El-Rei, na cidade de Coimbra, com geral alegria, no anno de 1385 fez, por sua pessoa e de seus capitães, grandes feitos d'armas, entrando muitas vezes por terras dos seus inimigos alcançou notaveis victorias: e a principal que teve foi a que Deus lhe deu junto a este convento, vencendo e desbaratando em batalha campal a El-Rei D. João de Castella que trazia comsigo um poderoso exercito de seus vassallos e vinha acompanhado de muitos portuguezes e outros estrangeiros que o serviam,

e logo foi ganhando á força de armas muitas forças e castellos, de que os inimigos se tinhão apoderado, que depois valorosamente sustentou e defendeu por toda a vida. E conhecendo que Deus fôra o que lhe dera a victoria por intercessão da gloriosissima Virgem Nossa Senhora, o que succedeu na vespera da sua festa da Assumpção por agosto, mandou á sua honra edificar este Convento que é a melhor obra de toda a Hespanha. E com desejos da maior gloria de Deus e pretendendo que só a elle se reconhecesse n'este Reino superioridade em tudo, assentou que os annos que pelo tempo atraz se costumavam contar nos autos e instrumentos publicos pela era de Cesar se reduzissem ao nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo: e fez que começasse a correr esta conta do anno de mil quatrocentos e vinte e dois em diante no qual andava a era de Cesar em MCCCCLX.

E achando-se estes Reinos não menos estragados de costumes que desbaratados das insolencias dos inimigos, poz diligencia em os emendar e apurar, desterrando com seu exemplo e obras santas todas as devassidões e maldades que geralmente se usavam, e prantou e fez florescer em seu logar obras de virtude, honestidade e honra. E procurando escusar guerras com christãos deixou antes da sua morte assentada com elles paz perpetua para si e para os seus successores. E abrasado em fogo da fé passou em Africa com uma grossissima armada em que havia mais de 220 velas, a maior parte naus de grande pórte e galés reaes: e foi acompanhado n'ella do Infante D. Duarte seu filho e herdeiro e dos Infantes D. Pedro, D. Henrique e do Conde de Barcellos, D. Affonso, seus filhos, e de grande poder e numero de animosos vassallos e com os quaes no mesmo dia em que poz os pés em terra de mouros, tomou de assalto com espanto do mundo a fortissima e famosa cidade de Ceuta, e pouco tempo depois vindo sobre ella mais de 100:000 combatentes mouros da

Berberia e Granada e tendo-a apertadamente cercada, elle a mandou soccorrer pelos Infantes D. Henrique e D. João e pelo conde de Barcellos seus filhos e por outros senhores e fidalgos; os quaes accommettendo aos mouros os fizeram levantar e fugir com morte de muitos, e toda a sua armada desbarataram, mettendo muitos navios no fundo, queimando e tomando outros: assim livrou a cidade.

E havendo 18 annos menos 8 dias que se cumpriam vespera da Assumpção Virgem Nossa Senhora do anno de 1433, que a tinha tomado e fortificado bastantemente contra todo o accommettimento de inimigos, no mesmo dia mez e anno acabou este gloriosissimo Rei bemaventuradamente sua vida na cidade de Lisboa rodeado de seus filhos e de grande parte da nobreza do Reino deixando a cidade de Ceuta em poder do mui alto e poderoso Rei D. Duarte, seu filho, que á imitação de tal pae procura mantel-a e governal-a, com estes Reinos na fé de Jesus Christo. O mesmo Rei D. Duarte trasladou com grande honra e magestade o corpo de El-Rei seu pae, acompanhado de seus irmãos o Infante D. Pedro Duque de Coimbra e Senhor de Montemór, e o Infante D. Henrique Duque de Vizeu e Senhor da Covilhã e Governador do Mestrado de Christo e o Infante D. Fernando e o Infante D. João Condestavel de Portugal e Governador do Mestrado de S. Thiago, e o Conde de Barcellos D. Affonso filho do dito Rei D. João o qual ao tempo do seu fallecimento não tinha outros senão duas filhas que estavam em suas terras com seus maridos, uma a Infanta D. Izabel Duqueza de Borgonha e Condessa de Flandres e senhora de muitos outros estados, e outra a Senhora D. Beatriz Condessa de Hontinlon e Harondel em Inglaterra. Assistiram mais n'esta trasladação todos os netos que havia de El-Rei D. João, a saber: D. Affonso Conde de Ourem e D. Fernando Conde de Arrayolos filho do Conde de Barcellos. E tinha n'este tempo outro neto que era o

Infante D. Affonso filho primogenito de El-Rei D. Duarte os quaes contados com os filhos faziam todos o numero de vinte pessoas. Acudiram tambem e foram presentes todos os Bispos que havia no Reino com outros muitos prelados, com grande numero de Clerezia e Frades e os Senhores da terra e Alcaides móres e Fidalgos particulares. Assim foi trazido o Real corpo a este convento e entrou n'elle aos 30 do dias do mez de novembro do dito anno e foi sepultado na capella mór com a rainha D. Filippa sua unica mulher e mãe illustradissima de El-Rei D. Duarte e dos Infantes ditos. E no anno seguinte aos 14 d'agosto foram os corpos ambos com nova pompa passados a esta Capella que para sua sepultura tinham edificado. E acharam-se presentes a mui alta e excellentissima Princeza D. Leonor Rainha d'estes Reinos e as Infantas D. Izabel Duqueza de Coimbra e D. Izabel mulher do Infante D. João com a maior parte dos Prelados e nobreza do Reino até ficarem recolhidos em suas sepulturas.

As almas tenha o Senhor em sua gloria. Amen.

FINIS LAUS DEO

James Murphy—Designs of the Church and Royal nonaster of Batalha.
Fr. Luiz Cacegas—Historia de S. Domingos, reformada por Fr. Luiz de Sousa.

EPITAPHIO

(EM PORTUGUEZ)

DA RAINHA D. FILIPPA

Esta felicissima Rainha desde sua meninice até ao fim da vida foi muito dada a Deus e era tão pratica e tão bem instruida na reza e Officios Divinos da Igreja que acontecia muitas vezes advertir com Real benignidade e ensinar cousas a Sacerdotes letrados e devotos. Na oração era tão continua que fóra do tempo que lhe tomavam as occupações forçosas da vida todo o restante empregava em comtemplar, ou ler, ou rezar. A El-Rei seu marido amou sobre todo o encarecimento: a seus filhos criou com toda a virtude e bons costumes, com doutrina, reprehensão e castigo. Suas rendas particulares despendia com Igrejas e Mosteiros e a gente pobre fazia grossas esmolas: mas para casamentos de donzellas nobres dava tudo e com grande largueza. Do povo em geral era mui amiga, ninguem desejava mais a paz ninguem com mais efficacia a persuadia procurando que a houvesse entre os christãos e tomando bem fazer-se guerra aos infieis em vingança das offensas que fazem a Deus. E com isto era tanta a sua mansidão que por erros commettidos contra sua pessoa nunca maltratou nem consentiu que fosse ninguem maltratado.

Foi esta Senhora um modelo e regra de virtude conjugal para casadas, guia e ensino para donzellas, meio e occasião de toda a honestidade para o Reino e para que não faltasse em nada tiveram n'ella os que a serviam uma mestra mui discreta e grave da graça e galanteria do palacio e cortezã de toda a politica. E continuando

n'esta e n'outras muitas virtudes (de que esta pedra por grande que fôra não era capaz) e crescendo cada dia e adiantando n'ellas chegou ao prazo ordinario da vida mortal e como a sua foi sempre muito boa e santa assim a morte nos olhos de Deus foi preciosa e bemaventurada. Recebidos devotamente todos os Sacramentos da Igreja lançou a benção a seus filhos; e encommendando a cada um o que entendia que convinha ao serviço e honra de Deus e proveitos d'estes Reinos e aquillo que espera que lhes fosse occasião de accrescentar e melhorar na virtude de tal maneira deu remate aos trabalhos do mundo que tanto nos que se acharam presentes e foram testemunhas de vista como nos ausentes que a relação ouviram deixou uma firme e mui assentada opinião que está gozando de Deus. Falleceu a 18 de junho de 1415 e foi sepultada no dia seguinte no Antecôro das Freiras de Odivellas. E sendo no anno seguinte aos 9 de outubro foi achado seu corpo inteiro e sem corrupção e acompanhado de suave cheiro foi trazido a este Convento pelo victoriosissimo Rei D. João seu marido e pelos Serenissimos Infantes a saber: D. Duarte seu filho primogenito, D. Pedro Duque de Coimbra, D. Henrique Duque de Vizeu, D. João e D. Fernando e D. Izabel filhos d'elle e d'ella, sendo acompanhados de grande numero de Clerigos, Prelados, Frades, e de todos os Senhores e Fidalgos d'esta Côrte,e de muitas donas e donzellas illustres que seguiam a Infanta D. Izabel e em 15 d'outubro de 1416 ficou depositada na Capella mór d'onde foi depois trasladada a esta Capella e sepultura em companhia de El-Rei na fórma que no epitaphio do dito Rei se declara. A ambos tenha o Senhor em Sua Gloria. Amen.

FINIS.

RESUMO

DA

FUNDAÇÃO DO REAL MOSTEIRO DA BATALHA

e dos tumulos reaes e particulares que ali existem

Na vespera da Assumpção da Santissima Virgem, 14 d'agosto de 1385, estando o nosso rei D. João I acompanhado d'um pequeno numero de portuguezes fieis e valentes, para dar a memoravel batalha d'Aljubarrota, contra o grande poder d'el-rei de Castella, D. João I, invocou o auxilio da mãe de Deus e fez solemne voto de lhe erigir um templo sumptuoso, se sahisse vencedor. Derrotado completamente o exercito castelhano, intentou logo o religioso monarcha dar pleno cumprimento á sua promessa; ainda que não póde fixar-se a data do começo da fabrica do mosteiro, comtudo tal foi o motivo da sua fundação, e segundo a acertada conjectura do ex.^{mo} sr. Bispo Conde, póde-se asseverar que teve principio no anno de 1387, ou quando muito no de 1388.

Querendo el-rei levantar o edificio nos contornos onde se deu a batalha escolheu um valle fertilisado pelo rio Lena, e comprou a Egas Coelho e Maria Fernandes de Meira, sua mãe, a quinta do Pinhal, sita no mesmo valle, como consta da carta de doação que fez ao mosteiro dada em Coimbra aos 14 de janeiro de 1436. A quinta abrangia o local do mosteiro, parte da cêrca actual e alguns terrenos aonde se fizeram as necessarias officinas para construcção de tão grande obra.

Quando os trabalhos escacearam, foram-se dando de aforamento estes terrenos a particulares, com expressa

clausula de levantarem casas, que hoje constituem a povoação. E é d'esta circumstancia que procede a invocação do templo de Santa Maria da Victoria, e do mesmo modo o nome popular, porque é hoje mais conhecida, assim como a villa contigua.

O primeiro architecto, que traçou e dirigio esta grandiosa obra, foi o mestre Affonso Domingues, natural de Lisboa, freguezia da Magdalena; merecedor de eterna memoria pela capacissima idéa com que delineou o mais bello monumento de architectura no nosso paiz, e um dos mais acabados e perfeitos n'este genero que possue a Europa.

Quando el-rei mandou dar começo ao templo, não tinha ainda assentado na ordem religiosa a quem o doaria; a pedido porém do seu confessor fr. Lourenço Lampreia, frade dominico, e do dr. João das Regras, o deu á ordem de S. Domingos, por carta lavrada na cidade do Porto a 4 de Abril de 1436

Desde a porta principal até ao primeiro degrau da capella-mór tem 66 metros de comprimento, aos quaes juntos 13,2 que ha d'este degráu até á parede, aonde encosta o altar-mór, fica todo o comprimento de 79,^{m}2. A largura é de 22 metros. Tem de altura até ao ponto da maior abobada 32,^{m}12. Das tres naves em que se divide a igreja tem a do meio 7,^{m}26 e as dos lados 4,^{m}62 cada uma, o que falta para encher a conta dos 22 metros que se dá de largura a todo o corpo, é occupado de pilares que fazem divisão, das naves que são oito por banda, cujas bases assentadas em quatro fazem 2,^{m}64 por cada testa.

A primeira capella proxima á sacristia, não tem hoje altar. Ha porém ahi um grande tumulo de pedra que mostra ter tido em cada uma das faces do templo dois escudos de armas, as quaes estão apagadas e picadas, dizem ser de um cardeal da casa do duque d'Aveiro.

Na outra capella do lado do Evangelho, existe um tumulo pequeno de marmore branco, lavrado por todas as

faces de flores em relevo, e em cada face o escudo das armas reaes, assentadas sobre a cruz d'Aviz, acompanhadas com o banco de pinchar; dizem ser do principe D. João, filho de D. Affonso V e da rainha D. Izabel, que morreu menino.

Na capella-mór, junto ao supedaneo do altar, embutidas nos degraus do mesmo, está uma caixa de marmore branco; com dois vultos da mesma pedra em cima, que figuram el-rei D. Duarte e sua mulher D. Leonor, que ali foram sepultados, com uma singela inscripção latina, cuja traducção é a seguinte:

AQUI JAZ D. DUARTE I, REI DE PORTUGAL E ALGARVES
E A RAINHA D. LEONOR SUA MULHER

Na capella do lado da Epistola está o tumulo de madeira, que encerra as cinzas de D. João II, aonde por mais de tres seculos se conservou inteiro o corpo d'este monarcha. Porém quando em 1810 o exercito francez invadiu o reino, a soldadesca violou o sagrado dos tumulos, e apenas se poderam salvar os restos informes do corpo do monarcha, que os religiosos de novo encerraram no antigo deposito, que mandaram reformar.

Na ultima capella do mesmo lado da Epistola, pegada com a porta travessa, existe um altar de marmore lavrado de mosaico com retabulo egual, cuja capella el-rei D. João I doou a D. Lopo Dias de Sousa, valoroso mestre da ordem de Christo.

Diz-se que o tumulo de marmore branco, que ali existe, encerra as cinzas d'aquelle heroe.

No grosso da parede d'esta capella se levanta o bello e magnifico mausoleu de Diogo Lopes de Sousa, conde de Miranda, quarto regedor da relação do Porto, obrado de mosaico em marmore preto: assenta sobre tres leões de bella esculptura, cujas mãos repousam sobre uns ovados

de marmore preto, e tem por cima do mausoleu o escudo das armas d'esta illustre familia, e corôa ducal.

A inscripção que existia n'este monumento foi estragada completamente pelo vandalismo dos soldados francezes em 1810, assim como a corôa ducal e figuras que a adornavam. É da familia de Diogo Lopes de Sousa, que descende da casa do duque de Lafões.

A um dos lados do cruzeiro está a porta travessa, e no outro fronteiro o altar de Jesus com um retabulo de pedra, obra moderna. Attribuem á celebre Josefa d'Obidos, dois paineis que estão nos lados, e ao nosso insigne pintor Vasco, os que estão em cima.

Entre as obras primorosas, que encerra o templo da Batalha, sobresae a capella do augusto fundador que fica á direita entrando a porta principal da egreja. É uma grande sala quadrada, de 19,^{m}8 por cada lado, construida da mesma cantaria da egreja, e coberta de abobada, com um zimborio no centro, sustentada sobre oito pilares.

No meio d'esta capella ha uma caixa grande de marmore branco, dentro da qual estão os moimentos de D. João I, e da rainha sua mulher, D. Filippa, ingleza, filha do duque d'Alencastre; o frizo superior d'esta caixa é guarnecido por uma silva cortada na pedra em relevo, e entre a folhagem se lê, na metade da sua circumferencia a letra repetida—IL ME PLAIT—e na outra metade a letra tambem repetida—PAR BIEN.

Nas duas faces lateraes e maiores da caixa, estão lavrados na mesma pedra, dois extensos epitaphios do rei e da rainha, em caracter allemão.

Na face do poente, que é a cabeceira do tumulo, estava em relevo, a cruz da ordem da Jarreteira circulada da liga, que é a insignia da ordem, com a letra—HONY SOIT QUI MAL Y PENSE—de que ainda se vê uma parte, porque o resto foi destruido pelos soldados francezes em 1810.

Sobre o tumulo estão em relevo os vultos do rei e da

rainha, com corôa real, e as cabeças cobertas por dois torreões de marmore bellamente lavrados, na summidade dos quaes se veem respectivamente os seus escudos de armas. O de D. João I tem as quinas direitas assentes sobre a cruz de Aviz com a orla dos castellos, e corôa real; o de D. Filippa é partido em dois, tendo á direita o escudo das armas de seu marido, e á esquerda o seu proprio brasão, é esquartelado e tem nos lados respectivamente oppostos os leões e as flores de liz.

Ao lado do sul da capella, estão abertos no grosso da parede quatro arcos, onde existem os jazigos dos quatro infantes, filhos de D. João I. O primeiro do lado do poente, é o do filho mais velho, D. Pedro, duque de Coimbra, tão sabio quanto infeliz; governo o reinou com bastante prudencia, durante a menoridade de seu sobrinho D. Affonso V, e veio a morrer na infausta batalha de Alfarrobeira. A par do seu tumulo, para a parte interior do arco, está outro encerrando as cinzas de sua mulher, D. Izabel, filha do conde de Urgel, D. Jaime; na orla do tumulo tem a legenda seguinte, em letra gothica—DE ZIL.

Segue-se no segundo arco, o mauzoleu do celebre infante D. Henrique, duque de Vizeu (2.º filho do D. João I) nome immortal para a historia da navegação; sobre o tumulo está a estatua d'elle, armado, não tem corôa real, mas sim uma fota á roda da cabeça; na inscripção ficou por encher a data do fallecimento do infante, e o nome da ordem de que foi governador, por falha que ha na pedra; tem na orla do tumulo a legenda seguinte—TALEN DE BIEN FAIRE.

O terceiro tumulo é o do infante D. João (3.º filho de D. João I) mestre da ordem de S. Thiago e condestavel do reino; teve por mulher sua sobrinha D. Izabel, filha de D. Affonso, conde de Barcellos, 1.º duque de Bragança neta do grande D. Nuno Alvares Pereira: dentro do mesmo arco á direita do tumulo de seu esposo está o jazigo

d'esta senhora, na orla do seu mauzoleu tem a seguinte inscripção—J'AI BIEN RAISON.

Segue-se o quarto munumento, onde repousam as venerandas cinzas do infante santo D. Fernando (4.º filho de D. João I) mestre da ordem d'Aviz, exemplar de resignação christã, e de todas as virtudes; morreu captivo em Fez. As reliquias que alli existem, foram remidas das mãos dos infieis e trazidas para este reino em tempo de D. Affonso V, seu sobrinho.

Á porta da capella real, está uma campa de pedra liza, que cobre a sepultura de um soldado da alla dos namorados, homem muito valente, que foi inseparavel d'el-rei na batalha d'Aljubarrota, defendendo-o de seus inimigos corajosamente sempre a seu lado.

Pegada á parede da capella real, existe uma grande campa lavrada, que cobre a sepultura de Diogo de Travassos, varão que devia ser de raras qualidades, visto que o sabio infante D. Pedro, duque de Coimbra, o tinha como aio de seus filhos e regedor de suas terras.

Á entrada da porta principal, ao fundo da escada, está a sepultura do quinto architecto Matheus Fernandes (que foi mestre da capella imperfeita, no tempo d'el-rei D. Manuel) e sua mulher Izabel Guilherme; e tambem o licenciado Miguel Henriques, e sua mulher Antonia de Vivar com suas filhas. Tem na campa dois craneos esculpidos, cada um com a sua epigraphe em caracter gothico; o da parte de cima diz o seguinte—VÓS OUTROS QUE POR AQUI PASSAES A DEUS POR NÓS ROGAI—e o debaixo—NÃO DEIXEIS DE BEM FAZER PORQUE ASSIM HAVEIS DE SER.

A admiravel casa do capitulo, obra primorosa de architectura, tem 74^{m},8 em ambito, e 14^{m},7 por cada lanço, é fechada a abobada de cantaria, sem columna, esteio, ou cousa que a sustente. No meio d'esta casa estão dois tumulos de madeira, no da direita jazem D. Affonso V e sua mulher a rainha D. Izabel; no da esquerda jaz o principe

D. Affonso, filho de D. João II, herdeiro da corôa, que morreu cahindo d'um cavallo nas margens do Tejo, junto a Santarem, contando apenas 16 annos de edade e 7 mezes de casado.

Em um dos angulos da casa, no ponto em que um ramo dos arcos vae formar abobada, está o busto em esculptura do celebre architecto Affonso Domingues, que delineou e levantou esta admiravel obra.

Segue-se o claustro, obra tambem mandada fazer pelo augusto fundador: é quadrado, e tem por cada lanço $55,^{m}$ dos quaes vão abertos $6^{m},6$ ao longo das paredes altas e espaçosas. N'um dos angulos proximos ao refeitorio está um chafariz. O segundo claustro muito inferior aquelle em todo o sentido foi feito no tempo de D. Affonso V.

A capella imperfeita que fica por detraz da capella-mór, mostra uma formosa portada, que se fórma de uns cordões, que começando baixo sobem ao alto, e em volta sem fazer signal de capitel, tornando a descer pela outra até ao chão e começando a fazer como primeiro que fica mais fóra todos, uma grande abertura de portal que se lhe ajuntam recolhendo e apertando a entrada em tal diminuição que vem a ficar em uma moderada porta; são sete ao todo os cordões, differentes em architectura e em feitio, mas todos em trabalho de variedade e subtileza de lavores tão perfeitos e com tanto primor obrados como se fôra a mais facil madeira de quantas se servem para a esculptura.

Em quatro cordões é parte do feitio uma letra interposta a espaços, a qual diz o seguinte—TANYAS EREI— Estas duas palavras gregas, significam buscar inquerir novas regiões alusivas ao empenho que el-rei D. Manuel fazia no descobrimento do Oriente.

Entrando pela grande portada, dá-se com um espaço mui extenso e descoberto de fórma circular, com sete capellas todas eguaes, de obra mui perfeita, evidentemente destinada para jazigos da real familia; as capellas estão

levantadas e acabadas, mas o edificio ficou descoberto, e as paredes estão levantadas até cima da cimalha, a ponto onde havia começar a subir a ultima abobada, que devia cobrir tudo. El-rei D. Manuel seu fundador desviando a attenção para o convento de Belem, que mandou construir, suspendeu os trabalhos da capella imperfeita, provavelmente em 1509, resultando ficar imcompleta como se vê.

FIM